

Alguns considerandos sobre a Antiguidade Tardia no Alentejo centro-oriental, a partir de um conjunto de fechos de cinturão

“As figuras imaginárias têm mais relevo e verdade que as reais”

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

Rui Mataloto* | rmataloto@gmail.com

Filipa A. Santos** | filipa.ar.santos@hotmail.com

*Município de Redondo.

**Arqueóloga independente.

Os autores escrevem segundo o Acordo Ortográfico de 1945

Resumo

Este estudo surge a partir da análise de uma colecção particular, reunida nos finais do século XX, na envolvente de São Romão, Vila Viçosa, de onde se destacou a presença de seis fechos de cinturão de cronologia alto-medieval. Dada a relativa escassez deste tipo de materiais no Sul de Portugal, o seu estudo deu o mote para uma reflexão em torno deste período na região do interior alto alentejano, concentrando sobretudo nos séculos VI e VII. Esta análise permitiu-nos questionar uma série de considerações historiográficas que tendem a associar os fechos e objectos de adorno típicos destas cronologias indiscriminadamente a culturas visigodas ou bizantinas.

A presença destes artefactos permite ainda espelhar a diversidade cultural de um momento com grandes alterações nos domínios político e religioso.

Abstract

This study arises from the analysis of a private collection, gathered at the end of the 20th century, in the surroundings of São Romão, Vila Viçosa County, where the presence of six belt buckles of high medieval chronology stands out. Given the relative scarcity of this type of material in southern Portugal, its study set the tone for a reflection on this period in the interior region of the Alto Alentejo, focusing mainly on the 6th and 7th centuries. This analysis allowed us to question a series of historiographical considerations that tend to associate these objects indiscriminately with Visigoth or Byzantine cultures.

The presence of these artefacts also allows reflecting the cultural diversity of a time with great changes in the political and religious domains.

1. Breves considerandos introdutórios

As pequenas colecções particulares de materiais arqueológicos obtidos e mantidos de modo muito diverso constituem geralmente repositórios muito interessantes de informação sobre os territórios, pelo que têm de material casuístico acumulado, por vezes, ao longo de muitos anos de uso e vivência do espaço rural. Cremos porém que, apesar dos problemas inerentes a muitas delas, pela falta de catalogação minuciosa e proveniência exacta, importa que recebam a devida atenção pelo rasto que acumulam da passagem humana numa dada região, particularmente quando se trata de achados provenientes de uma área relativamente circunscrita. Assim achamos que deve ser entendida a colecção que aqui tratamos.



Fig. 1 – Localização de São Romão, concelho de Vila Viçosa, na região genérica do Alentejo centro-oriental.

Esta foi já apresentada parcialmente (Calado & Mataloto, 2020; Mataloto, 2021), remetendo-se para estes trabalhos a descrição mais detalhada do processo de reunião do conjunto e das problemáticas

a ele inerentes. Importa sublinhar que é uma colecção ainda em mãos particulares, reunida com recurso a detector de metais, principalmente nos finais do século XX, na envolvente alargada de São Romão, concelho de Vila Viçosa, com especial enfoque na envolvente dos Montes da Torre do Cabedal e Pomar d'El-Rei (Figs. 1 e 2). Na colecção, composta por várias centenas de objectos, muitos ainda como saíram do campo, registou-se a presença de seis fechos de cinturão de cronologia alto-medieval que, dada a relativa escassez, nos pareceu proporcionar o mote necessário para nos debruçarmos sobre um período escassamente documentado na região. Ainda que os fechos de cinturão sejam usualmente conhecidos a partir dos contextos funerários, é legítimo, neste caso, manter alguma reserva, como se verá, atendendo ao seu estado fragmentário.

2. Inventário e descrição

Estes fechos de cinturão foram apresentados como provenientes da envolvente da Torre do Cabedal (Salgueiro, 2017), algo que, apesar das dúvidas que este tipo de colecções sempre apresenta, nos parece coerente com os achados relativos tanto à *villa* romana aí existente (Calado & Mataloto, 2020, C9, v. Fig. 2) como à necrópole adjacente (Calado & Mataloto, 2020, p. 90, C10), de onde deverá ser originária uma inscrição paleocristã reaproveitada em estruturas modernas (Calado & Mataloto, 2020, p. 85, C4).



Fig. 2 – Monte da Torre do Cabedal. A *villa* romana situa-se essencialmente à direita do monte, com o complexo balnear na área das árvores isoladas.

Desta necrópole foi ainda possível verificar a presença de duas sepulturas parcialmente conservadas no barranco da ribeira, as quais haviam sido identificadas e parcialmente escavadas durante os trabalhos de limpeza da mesma. Numa delas, completamente exposto, encontrava-se parte de um enterramento em decúbito dorsal, que havia sido “limpo” pelo caseiro do Monte do Pomar d’El Rei que, ao haver sido subtraído o crânio durante os trabalhos decidiu não terminar a escavação, tal como nos contou (Fig. 3). As estruturas aí documentadas, ainda que muito parcialmente conservadas tratava-se de sepulturas de “caixa”, de planta rectangular com cerca de 2 m de comprimento, com as paredes erguidas em tijolos na horizontal, sobre uma base de tégulas com a pestana fragmentada, que por sua vez assentava num estrato de regularização preenchido por pedra e fragmentos de *opus signinum*, confirmando o reaproveitamento de materiais. Este facto parece contribuir para uma percepção de cronologia relativamente avançada, provavelmente já dentro da Antiguidade Tardia.



Fig. 3 – Sepultura do sítio C10 – necrópole do Pomar d’El Rei (Calado & Mataloto, 2020), imediata aos vestígios da *villa* da Torre do Cabedal (Vila Viçosa), quando foi encontrada.

A *villa* da Torre do Cabedal, com os seus mosaicos polícromos e cenas marinhas (Calado & Mataloto, 2020, C9), parece propícia a aceitarmos um contexto de relativa continuidade e abundância até entrada a Antiguidade Tardia, com a presença de um contexto sepulcral associado a uma basílica paleocristã, como a presença da inscrição parece indiciar. Todavia, apenas podemos reter que os fechos seriam originários de uma envolvente alargada de São Romão, onde se conhecem diversos outros sítios (Fig. 4), além desta povoação se encontrar na zona de acção de António Dias de Deus e Abel Viana, na qual haviam sido registados importantes achados de cronologia tardia, como os referentes à Terragem (Rolo, 2018, pp. 248–249), localizada a menos de uma dezena de quilómetros. Por outro lado, esta era também uma das paróquias do Padre Henrique Louro, o qual ainda interagiu com os citados autores, e nos deixou informações em pequenas monografias (Louro, 1964; 1967) onde sabemos que o colecionador que reuniu este conjunto muito se foi documentar.

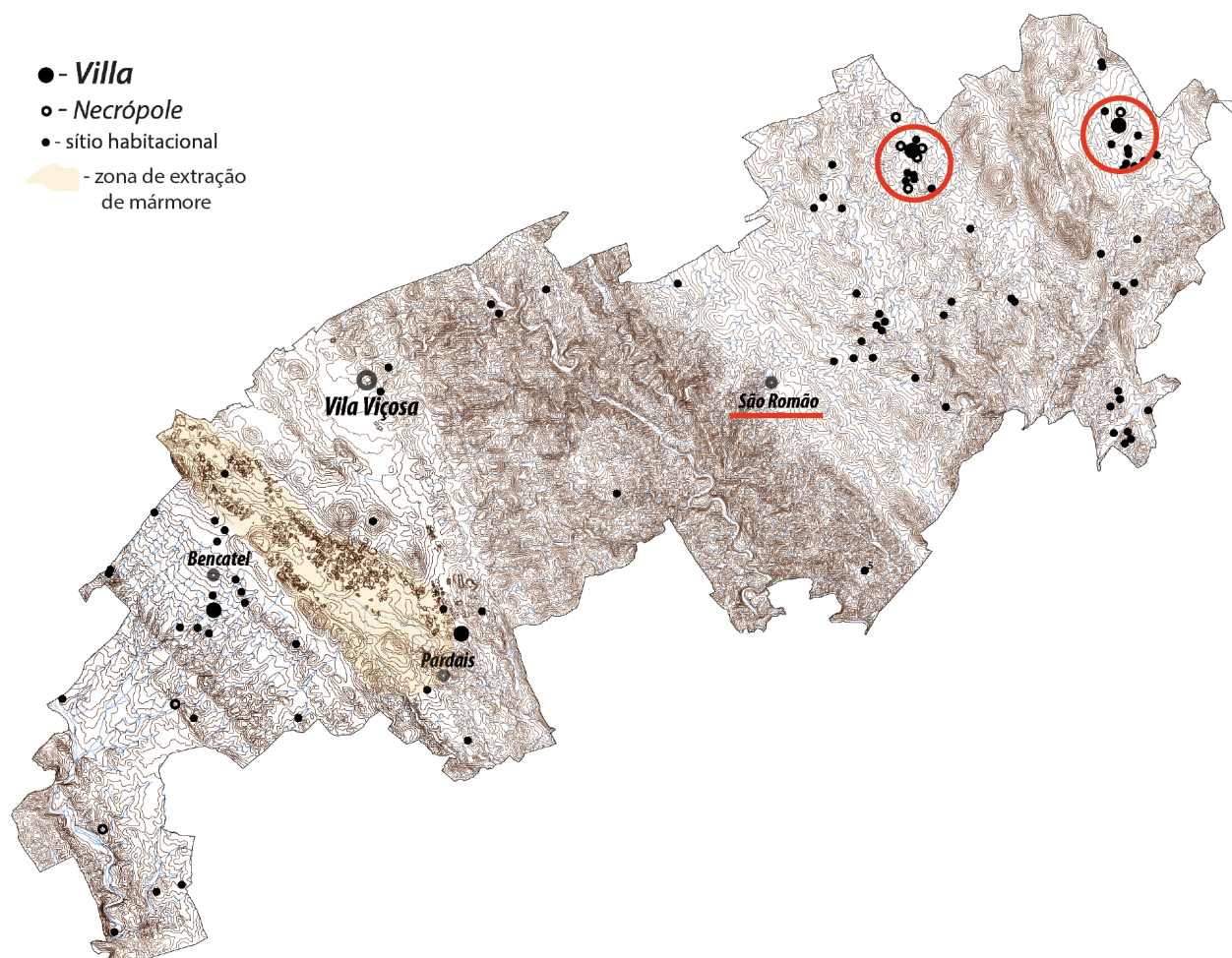


Fig. 4 – Ocupação romana e alto-medieval do Concelho de Vila Viçosa (Calado & Mataloto, 2020), com indicação da área da Torre do Cabedal (direita) e do Padrãozinho (esquerda).

O conjunto base desta reflexão compõe-se de seis fragmentos de fecho de cinturão e uma lingueta integráveis na designada “torêutica” tardo-antiga (Ripoll, 1998) (Fig. 5). São eles:

N.º 1 - Fecho de cinturão liriforme do Tipo C (Ripoll, 1998, pp. 134–136) em bronze fundido, decorado a cinzel (Fig. 5-1).

Zona proximal retangular com dupla moldura incisa e motivos fitomórficos. Zona central com duplo motivo amendoado com decorações em dupla espiral e pontilhado. Entre ambas, motivo losangular com decorações incisadas e pontilhado. Presença de três apêndices marcadores das diferentes áreas da placa, em cada lado. Parte distal está fragmentada. No extremo da parte proximal, conservam-se dois apêndices de fivela e sob os marcadores conservam-se ainda dois apêndices de fixação.

Comprimento máximo conservada: 6,75 cm;

Largura máxima conservada: 3,5 cm;

Espessura máxima: 0,4 cm;
Espessura mínima: 0,25 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,3 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fivela: 0,3 cm;
Comprimento máximo dos apêndices de fivela: 0,75 cm;
Peso: 43,50 g.

N.º 2 - Fecho de cinturão liriforme de Tipo G2 (Ripoll, 1998, p. 140) em bronze fundido, decorado a cinzel (Fig. 5-2).

Apenas conserva a zona proximal retangular com dois apêndices decorativos em cada lado. Tem dupla moldura, sendo que a exterior está incisa e a interior não. O campo ornamental visível é dividido em duas partes com motivos fitomórficos espiraliformes. No extremo da parte proximal, conservam-se dois apêndices de fivela fragmentados e na parte de trás da placa conservam-se dois apêndices de fixação, distantes entre si 1,45 cm.

Comprimento máximo conservado: 3,3 cm;
Largura máxima conservada: 3,35 cm;
Espessura máxima: 0,3 cm;
Espessura mínima: 0,1 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,3 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fivela: fragmentados;
Comprimento máximo dos apêndices de fivela: fragmentados;
Peso: 12 g.

N.º 3 - Fecho de cinturão liriforme de Tipo F ou G (Ripoll, 1998, pp. 138–142) em bronze fundido, decorado a cinzel (Fig. 5-3).

Apenas conserva uma parte da zona distal arredondada com um apêndice decorativo no extremo distal e outro no arranque do lado superior. Apresenta moldura lisa, com motivo rectilíneo divisor em duas áreas sendo visíveis na inferior motivos circulares incisos. Conserva um apêndice de fixação central na parte de trás.

Comprimento máximo conservado: 2,95 cm;
Largura máxima conservada: 2,6 cm;
Espessura máxima: 0,26 cm;
Espessura mínima: 0,13 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,3 cm;
Peso: 6 g.

N.º 4 - Fecho de cinturão liriforme do tipo A (Ripoll, 1998, p. 134) em bronze fundido com decoração a molde (Fig. 5-4).

Apenas conserva a zona proximal, rectangular, dividida em dois quadrados, com motivos florais de

quatro pétalas em cada um, separados da parte mesial por apêndices marcadores. É visível o arranque da decoração da parte mesial com duas molduras arredondadas. Conserva-se apenas o apêndice de fixação inferior, sendo que o superior está fragmentado. Os apêndices de fivela estão fragmentados. No canto superior foi aberto um orifício (com 0,3 cm de largura) eventualmente de reparação após a quebra de um dos apêndices.

Comprimento máximo conservado: 3,8 cm;
Largura máxima conservada: 4,1 cm;
Espessura máxima: 0,4 cm;
Espessura mínima: 0,2 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,35 cm;
Distância de apêndices de fixação: 2,55 cm;
Peso: 30,8 g.

N.º 5 - Fecho de cinturão liriforme do tipo A (Ripoll, 1998, p. 134) em bronze fundido com decoração a molde (Fig. 5-5).

Apenas conserva a parte distal e parte da mesial. A parte distal apresenta decoração reniforme. A parte mesial encontra-se separada por dois apêndices marcadores, estando a moldura subdividida em duas partes, preenchidas com motivos vegetalistas. No limite da área distal encontra-se um entalhe sub-retangular eventualmente relacionado com um reaproveitamento. São visíveis dois apêndices de fixação fragmentados na parte de trás.

Comprimento máximo conservado: 4,9 cm;
Largura máxima conservada: 4,3 cm;
Espessura máxima: 0,4 cm;
Espessura mínima: 0,15 cm;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,35 cm;
Distância de apêndices de fixação: 2,1 cm;
Peso: 32,64 g.

N.º 6 - Lingueta rectangular em bronze fundido, com moldura incisa rectangular hiperboloide, com motivos vegetalistas em decoração incisa no interior. Na parte de trás, conservam-se dois apêndices de fixação (Fig. 5-6).

Comprimento: 3,55 cm;
Largura: 1,6 cm;
Peso: 9 g;
Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: 0,3 cm;
Distância de apêndices de fixação: 1,4 cm.

N.º 7 - Fecho de cinturão em placa rígida calada, em bronze fundido. Apenas se conserva a zona distal e parte da mesial. A zona mesial apresenta limites rectos com interior decorado a círculos vazados, intercalados com círculos incisos puncionados no centro, e área central vazada definindo desenhos geométricos. A zona distal apresenta formato subcircular mais estreita que o corpo da placa, também decorados com círculos incisos puncionados no centro. No anverso da zona distal conserva-se um apêndice de fixação (Fig. 5-7).

Comprimento máximo conservado: 6,3 cm;

Largura máxima conservada: 4,3 cm;

Espessura máxima: 0,35 cm;

Espessura mínima: 0,25 cm;

Interior dos orifícios dos apêndices de fixação: fragmentado;

Peso: 29 g.

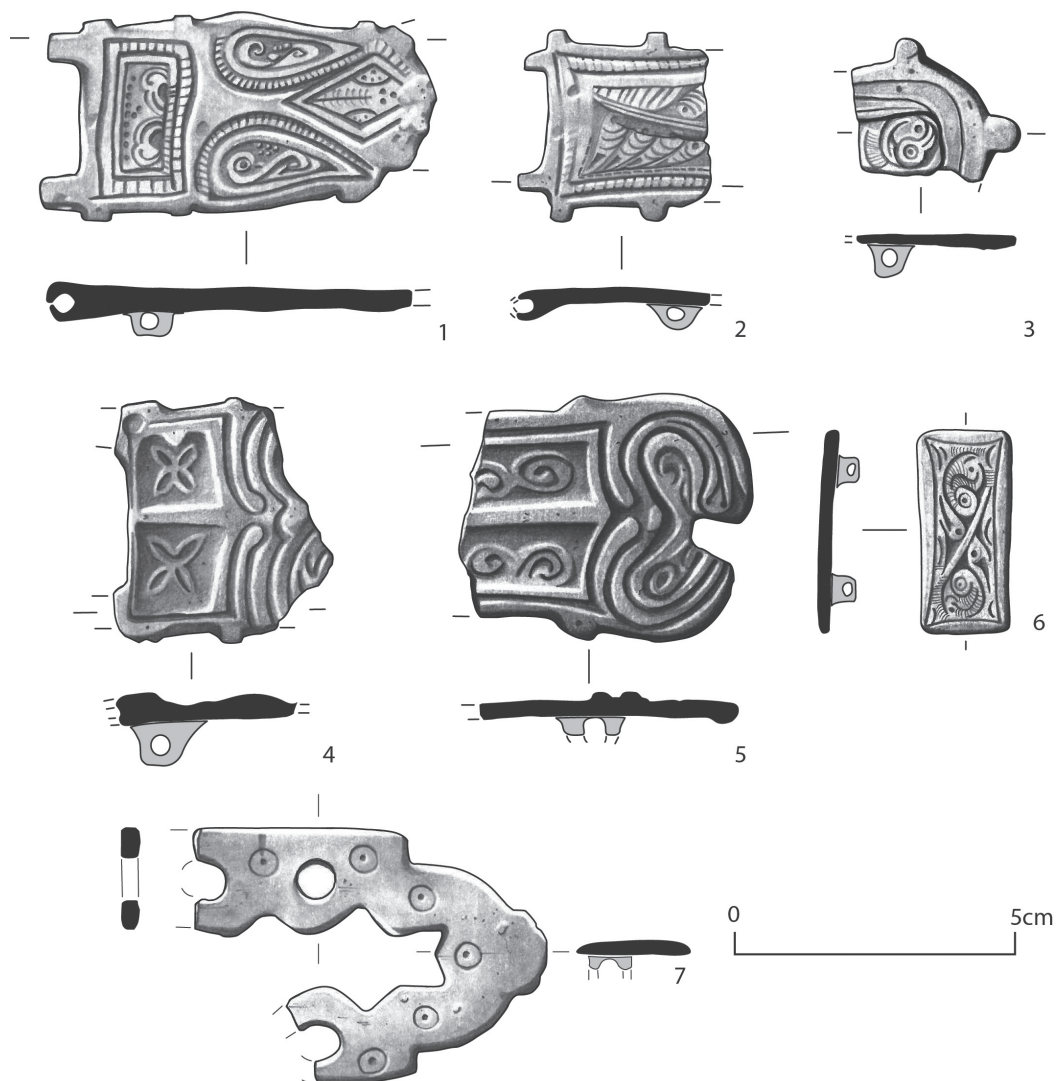


Fig. 5 – Fechos de cinturão da “Colecção Pinguicha”, aqui em estudo. Desenhos: Inês Conde.

Dos seis fechos de cinturão apenas um se pode atribuir ao tipo “Placa rígida vazada” (Fig. 5.7), os quais são raros em território actualmente português, com apenas um exemplar genericamente enquadrável neste tipo, e ainda assim de um subtipo distinto (Arezes, 2014, p. 455), sendo bem mais abundantes na área mesetenha centro-ibérica (Ripoll, 1986, p. 183) e voltando a ser mais escassos na Bética (Ripoll, 1998, p. 91).

A estes fechos de cinturão são atribuídas cronologias tardias dentro do século VI d.C., prolongando-se principalmente pelo seguinte. O exemplar aqui documentado encontra-se bastante danificado, mas permite verificar que não apresenta muitos paralelos, assemelhando-se bastante aos exemplares de necrópoles da região de Segóvia (Espirido, Duratón e Madrona), com laterais rectas, decoração circular fenestrada, intercalada com círculos incisos e centro vazado geométrico (Ripoll, 1986, p. 238, Est. IV, 29–32).

Os fechos de cinturão de tipo liriforme aqui apresentados enquadram-se com relativa facilidade na tipologia disponível, apesar de se encontrarem, na maioria das vezes, muito danificados. Assim, seguindo a tipologia de Ripoll (1998, p. 133), documenta-se a presença de dois fechos de Tipo A (Fig. 5, n.º 4 e 5), um fecho de tipo C (Fig. 5, n.º 1), um de Tipo F ou G (Fig. 5, n.º 3) e um de Tipo G-2/3 (Fig. 5, n.º 2). Em território actualmente português, e segundo o mais recente estudo de conjunto, conhece-se pouco mais de uma vintena de exemplares de tipo liriforme (Arezes, 2010), a que se acrescentaram recentemente mais alguns exemplares, sem mudar a perspectiva global. Estes fechos são enquadrados essencialmente dentro do século VII d.C. (Ripoll, 1998, p. 169), podendo prolongar-se para o seguinte (Hierro, 2011, p. 279).

Resta apenas mencionar uma pequena peça rectangular, profusamente decorada, dotada de dois apêndices de prensão, que deverá corresponder a uma placa ornamental de correia, as designadas linguetas, de igual período cronológico (Fig. 5, n.º 6).

A presença destes exemplares testemunha, segundo cremos, para a cronologia genérica do século VII d.C., a manutenção da região nas dinâmicas comerciais e de indumentária internacional, neste caso de possível raiz mediterrânea, difundida principalmente após a conquista bizantina do Sudeste peninsular.

O facto de os exemplares apresentados serem de contexto desconhecido e recolha não controlada, dificulta alguns considerandos quanto aos mesmos. Todavia, o estado fragmentado dos fechos, com fracturas aparentemente antigas, não favorece a hipótese de recolha em contextos sepulcrais, onde deveriam encontrar-se em posição primária. No mesmo sentido, os aparentes indícios de reutilização do fecho n.º 5 sugerem igualmente a sua proveniência de contextos não sepulcrais. Em todo o caso, para a análise destas presenças a nível regional, será sempre determinante um enquadramento amplo e diverso, mesmo que a maioria das peças já conhecidas sejam provenientes de contextos de recolha não controlada.

3. Alguns considerandos sobre os fechos de cinturão tardo-antigos no território alto-alentejano

Não se pretende aqui efectuar um inventário sobre a presença destas peças em território alentejano, dada a avaliação relativamente recente sobre os mesmos. Todavia, cremos que uma valorização global, e actualizações pontuais merecem alguns comentários para melhor enquadrarmos os achados aqui apresentados.

O exemplar mais próximo do tipo de fechos analisado é provavelmente o que foi registado no sítio da Herdade de Fontalva (Elvas), com uma fivela liriforme do tipo A, paralelo da peça n.º 4 do nosso

conjunto (Arezes, 2010, p. 163), supondo-se a sua proveniência de uma necrópole, ainda que tal não seja, de todo, claro (Paço & Ferreira, 1951; Rolo, 2018, pp. 161–162). Se para a realidade centro peninsular a norma é a proveniência destas peças de contextos funerários (Ripoll, 1986), para o território actualmente português não é claro que tenham que provir de contextos funerários, ainda que não tenhamos que supor a sua dispersão por imposições aleatórias de desaperto conjuntural e rápido do cinto (Gonçalves, 2008, p. 138). Há um número crescente de exemplares de fechos de cinturão liriforme que têm surgido em áreas de cariz habitacional, por vezes até de aparência precária, como no caso do sítio da Vinagreira (Elvas), que é caracterizado pelos seus investigadores como um abrigo de pastoreio e/ou local de armazenamento de produções agrícolas ou florestais (Bugalhão, 2004), apesar de se haver recuperado um fecho do tipo H2 de Ripoll (1998, p. 140). A reforçar esta tendência está o achamento recente de dois exemplares de fechos de cinturão liriformes em modestas ocupações alto-medievais junto ao rio Guadiana (Ferreira, 2013, p. 115), provavelmente dos tipos B e C de Ripoll (1998). Um outro exemplar foi recolhido já na região de Mourão, num sítio de cronologia moderna, mas integrável no tipo H-2 de Ripoll (Arezes, 2010, p. 98). Todavia, nada obsta a que possam também provir de contextos sepulcrais, como foi assinalado em alguns raros casos (Arezes, 2010) ou da extraordinária placa rígida documentada muito recentemente numa sepultura do sítio do Estácio 3 (Ricou, 2020).

Numa envolvente alargada da região de Ciladas, de onde são certamente provenientes os exemplares que deram origem a este estudo, foram objecto de intervenção por António Dias de Deus e Abel Viana diversas necrópoles com ocupações possivelmente afins do conjunto de fechos. É desde logo importante sublinhar que nas centenas de enterramentos escavados nas múltiplas necrópoles não foi documentado qualquer fecho de cinturão liriforme, com excepção de um proveniente da Herdade de Fontalva, que ainda assim não é claro que tenha sido recolhido numa sepultura (Rolo, 2018, pp. 161–162).

As necrópoles do Padrãozinho (Vila Viçosa), na mesma freguesia de Ciladas, Herdade da Chaminé (Elvas), Torre de Palma (Monforte) ou Silveirona (Estremoz) contemplam espaços funerários de grande dimensão, com dezenas de enterramentos, sendo que em alguns destes foi identificado espólio metálico genericamente enquadrável nas tipologias para a torêutica hispânica tardo-antiga (Ripoll, 1998), entre os séculos V ao VIII, com paralelos dispersos pelo território hispânico. Este espólio diz respeito a elementos de vestuário como fivelas e fechos, mas onde os de tipo liriforme estão ausentes — Herdade da Chaminé (Rolo, 2018, pp. 169–196), Silveirona II (Cunha, 2008; Arezes, 2014, vol. II, p. 181) — mas também a elementos de adorno como brincos e anéis — caso do sítio do Padrãozinho 1 (Rolo, 2018, p. 273–284), tal como a Herdade da Chaminé (Carneiro, 2015, p. 129–130; Rolo, 2018, pp. 169–196) ou Silveirona II (Cunha, 2008; Arezes, 2014, vol. II, p. 181). Estes indicam uma utilização funerária do espaço de larga diacronia, ainda que não necessariamente contínua, na maioria dos casos desde o início da ocupação alto-imperial romana ao final da Antiguidade Tardia. O caso das diversas necrópoles do Padrãozinho pode mostrar-nos o que terá sido a norma de estruturação dos espaços funerários em vários núcleos em torno do espaço habitacional. No caso da necrópole da Herdade da Chaminé os artefactos metálicos encontrados integram-se, muito genericamente, no designado nível III de Ripoll (Rolo, 2018, p. 169), enquadrando-se numa problemática histórica um pouco diversa dos materiais mais tardios em estudo (Ripoll, 1998, p. 50 e fig. II; Barroso & Morín, 2010, pp. 393–409). Fica então patente que no espaço centro alentejano a presença destes fechos de cinturão liriformes em contextos funerários é absolutamente residual. Inclusivamente no caso de Mértola, amplo porto aberto ao Mediterrâneo, com vastas necrópoles escavadas, e onde a presença grega tardia está bem documentada, estes fechos de cinturão são quase desconhecidos, tornando clara a sua escassa presença em contexto funerário em todo o sul do actual território português, contrastando, de certa forma, com a sua presença no espaço centro-peninsular.

O caso algarvio, que conheceu uma recente, longa e bem documentada, análise dos espaços funerários romanos e tardo-romanos (Pereira, 2014), apesar das centenas de sepulturas analisadas, apenas atestou a presença de um fecho de cinturão placa, rígida neste caso, sem que se tenham documentado os de tipo liriforme, aqui em estudo (Pereira, 2014, p. 340). Nesta medida, este facto vem reforçar o que temos dito sobre a escassez destes elementos em contextos funerários do Ocidente peninsular.

O processo de transformação que o espaço rural sofre, associado à própria transformação das estruturas produtivas, traduz-se no abandono da *pars urbana* da maioria das *villae*, com as áreas periféricas dos conjuntos edificados permanecendo, ou mesmo ganhando nova centralidade, caso dos espaços de culto cristão, que ditarão a continuidade e revitalização destes conjuntos, que ganharão uma sacralidade que os fará permanecer longo tempo como áreas sepulcrais. Torre de Palma assume-se como o caso mais paradigmático desta nova dinâmica de vitalidade, através da sua enorme basílica e estruturas anexas (Maloney & Hale, 1996; Maloney & Huffstot, 2002) que se dotam de uma monumentalidade e riqueza equiparável à antiga *villa*.

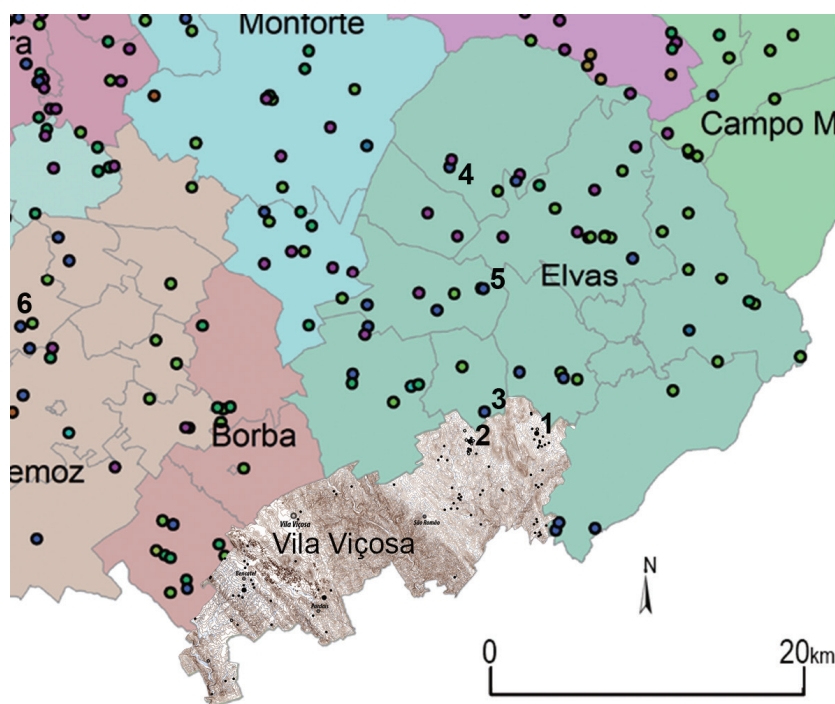


Fig. 6– Povoamento, necrópoles e “achados” romanos e da Alta Idade Média na envolvente alargada da suposta área de origem da “Coleção Pinguicha” (Adaptado de Carneiro, 2016, com os dados da Carta Arqueológica de Vila Viçosa (Calado & Mataloto, 2020). Alguns dos sítios mencionados no texto: 1 – Torre do Cabedal; 2 – Padrãozinho; 3 – Terrugem; 4 – Herdade da Chaminé; 5 – Fontalva; 6 – Silveirona.

Efectivamente, se atentarmos nos dados da decoração marmórea do designado *grupo eborense* (Wrench, 2008, p. 37), a que se poderiam adscriver eventualmente alguns novos elementos (Wolfram, 2011), além de outros inéditos, como os que temos vindo a recuperar na basílica de Nossa Senhora do Freixo (Redondo), será possível sublinhar uma certa pujança económica regional relacionada com os espaços sagrados. Todavia, a crença cristã, que pregava o despojamento terreno, ainda que tal não fosse absolutamente linear (Arezes, 2019, p. 246), talvez ditasse a escassez de elementos de indumentária em contexto funerário, contrastando com a pujança cada vez mais patente nos espaços de culto e seus programas arquitectónicos marmóreos.

Creemos então que a leitura sobre a presença destes elementos de indumentária deve ser enquadrada num momento muito particular da História da Península Ibérica em que, por um lado, vemos o ressurgir com Leovigildo a afirmação do poder central, com a integração do reino suevo e os projectos de controlo administrativo que subjazem à *Lex Visigothorum*, estimulando a reorganização social e económica dos territórios, que se reintegram em velhas e novas dinâmicas de circulação e imagética, ao mesmo tempo que a presença imperial, bizantino-helénica, reemerge, quer através do controlo territorial no Sudeste, quer pela dinâmica comercial que parece assumir no litoral, atendendo às muitas epígrafes em grego conhecidas, por exemplo em Mértola (Fig. 6). A presença, escassa é certo, destes fechos de cinturão de influência bizantina, não pode deixar de ser entendida como ténue reflexo dessa realidade mais alargada, onde o próprio monarca integra uma concepção de poder e imagética claramente devedora da realidade imperial bizantina

4. De indumentária, história e identidade no território alto-alentejano da Antiguidade Tardia

O conjunto aqui analisado integra-se num debate longo que percorre toda a Hispânia, cursando entre temas de modas e influências, comércio, espaços étnicos, culturais e religiosos. O debate é antigo, mas a integração destas peças em reflexões de âmbito regional e local é mais rara, sobretudo para o panorama do território da antiga Lusitânia.

Os fechos de cinturão estudados integram-se em duas morfologias diversas entre si no que toca à suposta origem cultural, ainda que possam ter sido perfeitamente coetâneas. Em primeiro lugar, os fechos de cinturão de placa rígida vazada são um tipo muito heterogéneo, sendo que o elemento aqui apresentado se pode integrar nos que incorporam decoração geométrica. Estes fechos distribuem-se por toda a Hispânia e, de acordo com Ripoll (1998, p. 92), são menos comuns na Bética e abundantes em necrópoles visigodas do interior ibérico. A mesma autora liga-os a uma moda centro europeia (Ripoll, 1998, pp. 93–95) com datas de entre os finais do século VI e o século VII, coexistindo provavelmente durante algum tempo com as produções de inspiração bizantina (Ripoll, 1998, p. 96).

De entre essas últimas produções surgem os fechos de cinturão liriforme, maioritários no conjunto em estudo. Estes são o tipo mais comum na Hispânia (Ripoll, 1998, pp. 132–175; Barroso & Morín, 2010, pp. 393–409). Datados de entre os finais do VI e sobretudo no século VII, diversos autores têm defendido que terão sido de produção hispânica representando a imitação de modas bizantinas (Ripoll, 1998, pp. 132–175; Barroso & Morín, 2010, pp. 393–409), uma influência que teria sido expressa em vários aspectos do mundo artístico, certamente derivada da conquista do Sudeste ibérico pelas forças imperiais neste período. A imitação por artífices hispânicos dos fechos de cinturão liriformes poderá ter-se expandido, sobretudo no final do século VI e século VII. Ainda que consideremos que carece de evidências mais concretas, alguns autores vêm associando esta difusão a uma certa proximidade cultural proporcionada pela lei visigoda (Barroso & Morín, 2010, p. 396).

Para este Alentejo centro-oriental existem já algumas sínteses que procuraram discriminar a realidade conhecida, explorando as dinâmicas do mundo funerário (Rolo, 2018) e religioso (Wolfram, 2011), mas também de modo mais genérico, refletindo sobre as dinâmicas históricas da ocupação do território alto alentejano, desde o final do império romano ao final do reino visigodo (Carneiro, 2014; Vieira, 2016). A sobreposição do espaço funerário a estruturas que tinham diferentes funções em época romana é uma realidade em toda a Hispânia mas parece ser particularmente importante no Alto Alentejo (Wolfram, 2011; Carneiro, 2016; Carneiro & Rolo, 2019) e demonstra que existia uma ocupação relevante na região, ainda que as áreas habitacionais conhecidas se esgotem nalguns pontos dispersos e ainda mal compreendidos.

Para o concelho de Vila Viçosa e circundantes destaca-se grandemente a proximidade da via XII do Itinerário de Antonino, em torno da qual o espaço fora estruturado ao longo da época romana. As pedreiras de mármore do designado Anticlinal de Estremoz, que desempenharam um papel muitíssimo relevante em termos económicos regionais, estariam ligadas por esta via tanto à capital provincial, *Augusta Emerita*, como ao seu porto de mar atlântico, *Olisipo*, através de *Ebora* (Carneiro, 2017, p. 44; Calado & Mataloto, 2020, pp. 230–245; Cordero, 2010). Sinal claro deste dinamismo é, justamente, a presença de produtos marmóreos extraídos nesta região em contextos litorais de outras províncias como na Bética, mas também em espaços interiores muito provavelmente através da designada *Vía de la Plata*, depois de passar por *Emerita* (Fusco & Mañas, 2006; Cisneros & *alii*, 2010, p. 115).

O acumular de dados tem permitindo notar a continuidade da exploração marmórea em momentos mais tardios do Império Romano (Carneiro, 2019, pp. 68–69; Calado & Mataloto, 2020, p. 241), e mesmo para lá desses tempos, nos séculos VI e VII. De acordo com Mélanie Wolfram (2011, pp. 83–86), é possível identificar uma “escola” escultórica entre os distritos de Portalegre e Elvas, caracterizado por «uma excelência de execução no talhe da matéria-prima», que a poderá associar aos mesmos que trabalham para Mérida possivelmente durante os séculos VI e VII, exercendo uma grande influência sobre os modelos culturais de grande parte da Hispânia (Moreno, 2008, pp. 81–82). Identifica-se pelo menos uma pedra ainda em laboração, a de Bencatel (Wolfram, 2011, p. 119). Assume-se usualmente que a dinâmica extrativa terá sido menos intensa do que em momentos anteriores, não se conhecendo o seu modelo de gestão nessas fases (Moreno, 2008, pp. 81–82). Todavia, cremos que existem indícios suficientes para supor, inclusivamente, um certo ressurgimento da actividade extractiva justamente na Antiguidade Tardia, associado à ingente utilização do mármore branco, sinal de pureza, nos contextos religiosos, em pavimentos, colunas, cancelas, impostas, altares e frisos. Talvez no domínio do investimento público a utilização desta matéria-prima surja agora menos presente, mas claramente ganha uma expressão relevante nos espaços privados religiosos.

Isto significa que não só existe uma razão para manter ativas as vias romanas, prática já de si comum no mundo visigodo (Moreno, 2008), como estas seriam frequentadas por agentes comerciais e não apenas pelas populações locais. Estes territórios seguiam talvez uma lógica de interioridade extensível à maioria do território interior visigodo. Segundo Reynolds (2015, p. 209),

the Visigoths, in contrast to the Vandals in Africa, (...) looked inland, (...) and did not take advantage of the maritime opportunities that the foremost port of Roman Spain had to offer.

Diferentes autores vêm refletindo sobre diversidade como palavra-chave para os séculos V a final do VI, início do VII no que diz respeito ao fenómeno religioso (Jorge, 2002; Moreno, 2008; Wolfram, 2011; Carneiro, 2016; Arezes, 2018; 2019, p. 246). Acreditamos que a presença dos artefactos metálicos como os fechos de cinturão que temos em estudo em espaço de necrópole só se pode justificar a partir desta diversidade. Por outro lado, ainda que a igreja tenha levado séculos a definir regras para os enterramentos católicos (Wolfram, 2011, p. 116), a verdade é que desde o século IV a tendência para os enterramentos sem qualquer espólio se generalizou, sendo visível desde logo na capital (Heras & Olmedo, 2015, p. 279) e desde cedo esta característica se associou ao despojamento cristão na morte.

As aparições de artefactos metálicos de vestuário e adorno de fundo cultural exógeno, como os aqui em causa, em sepulturas integradas em necrópoles onde a maioria das sepulturas não tem espólio, foi tradicionalmente relacionada com fenómenos históricos como o das grandes migrações centro-europeias do século V (Heras & Olmedo, 2015), mesmo em territórios muito próximos de Mérida, para não remeter para áreas do centro e nordeste da península, onde este debate é ainda mais extenso. Contudo,

a verdade é que a realidade dos cemitérios em discussão, de áreas rurais no Sudeste alto-alentejano, não tem qualquer indício de assim poder ser entendida. Em primeiro lugar porque a maioria dos elementos de adorno pessoal data de momentos posteriores ao mencionado fenómeno histórico — apenas o conjunto metálico da Herdade da Chaminé é anterior ao século VI. Nos restantes sítios os artefactos enquadram-se nos séculos VI e VII sobretudo, integrando já uma dinâmica histórica diferente (por ex., Moreno, 2008; Barroso & Morín, 2010), uma vez que desde o início do século VI a monarquia visigoda estaria já concentrada na Hispânia, com capital instalada em Toledo (Barroso & Morín, 2010, pp. 394–396), ainda que a cidade de Mérida com ela rivalizasse do ponto de vista cultural e religioso (Moreno, 2008, pp. 81–82).

Em segundo lugar, os artefactos identificados no Alto Alentejo são aparentemente produzidos em cobre existindo, como referido antes, evidências para a sua produção na Hispânia, sobretudo no caso dos fechos de cinturão liriformes.

No Alto Alentejo existem alguns indícios da diversidade cultural a que se aludiu acima. No sítio de Silveirona II, o conjunto metálico surge numa área funerária com evidências de sepulturas *ad sanctos*. Esta necrópole é particularmente interessante pela coexistência deste espólio com as inscrições paleocristãs, maioritariamente datadas da primeira metade do século VI, por vezes reutilizando placas epigráficas romanas (Cunha, 2008). Os diferentes autores consideram existir provas para uma significativa comunidade plenamente cristianizada (Cunha, 2008; Carneiro, 2014, p. 262). Inclusivamente, em Torre de Palma, surge uma fivela designada de “visigoda” numa sepultura no interior do edifício basilical (Cunha, 2008, p. 220, anexo 1). Neste sentido, G. Ripoll havia considerado que as peças liriformes se associariam a católicos, pela sua contemporaneidade com a conversão de Recaredo e consequente homogeneização cultural (Ripoll, 1998, p. 170). No entanto, este é um pressuposto que também deve ser questionado, já que estes fechos estão presentes de forma generalizada na Hispânia, podendo ser sobretudo entendidos como um elemento de adorno sem conotação religiosa, tal como a mesma autora já havia desmistificado para a suposta conotação étnica (Ripoll, 1998, p. 119).

Se existem dados que matizam o cumprimento global do despojamento na morte dos cristãos, também existem aqueles que sugerem que a existência de uma sepultura cristã não implica que todo o cemitério seja cristão. Sabe-se que apenas no século VIII se proibirá o enterramento conjunto entre cristãos e pagãos (Cunha, 2008, p. 116). Além disso, um estudo recente em diferentes áreas da península, que inclui a necrópole de Gózquez (San Martín de la Vega, Madrid), onde curiosamente surge um paralelo para a nossa placa rígida vazada, sugere a compatibilidade de distintas afiliações religiosas numa mesma necrópole (cristãs, judias, pagãs e a partir do século VIII, islâmicas), inclusivamente partilhando aspectos culturais idênticos (Vigil-Escalera, 2015). Esta partilha basear-se-ia na utilização e adaptação à realidade de uma comunidade local de determinados elementos, mais do que a sua ligação categórica a uma religião ou cultura (Vigil-Escalera, 2015, pp. 266–268), o que aprofunda a importância de um cemitério comunitário, contrariando

la imagen monolítica de un universo funerario medieval condicionado por la religión que con frecuencia ha sido asumida por la historiografía (Vigil-Escalera, 2015, p. 249).

Esta diversidade será ainda maior tendo em consideração que, pelo menos até ao final do século VI, a própria fé cristã era em si um fenómeno heterogéneo. Se Mérida enquanto pólo religioso e cultural se manifestou no século VI como adepta da fé trinitária (católica), provavelmente pela preponderância de um fundo cultural (e étnico?) hispano-romano (Moreno, 2008, pp. 188–189), a verdade é que, nos territórios que lhe são próximos poderão haver evidências de outras práticas cristãs (arianistas, monofisitas, entre outras), como alvitra Mélanie Cunha para explicar o silêncio das fontes quanto ao Bispo de Beja até ao

século VI (Cunha, 2008, pp. 39–40, 121). Contudo, não existem evidências arqueológicas que permitam distinguir qual é a crença associada a uma inumação, excepto quando há indicações epigráficas.

Da mesma forma, a presença nas necrópoles da região de espólio cerâmico — quase sempre jarros datados do século VI remete para rituais específicos (ainda que, para já, desconhecidos) demonstrando novamente a complexidade destes séculos e o quanto significaram um momento de mudança. Em alguns casos o espólio cerâmico encontra-se nos mesmos enterramentos que o espólio metálico, mas a escassez de contextos conhecidos impede de esclarecer a sua relação neste território, ao contrário do que acontece noutras regiões.

Por fim, importa melhor contextualizar os elementos de indumentária aqui em estudo no seu quadro cultural e histórico regional.

A proximidade de Mérida poderia situar este território rural na esfera do poderio religioso desta cidade, onde a construção de templos rurais como o de Torre de Palma se poderia integrar. Segundo os concílios hispânicos, o bispado de Mérida seria um dos que detinha maiores propriedades e riqueza material na Hispânia. Todavia, não existem evidências concretas se a área em apreço diria ainda respeito a este bispado, ou se, conforme Almeida Fernandes interpreta no estudo que faz do Provincial Visigótico esta área pertenceria à diocese de *Pace* (Beja) (Fernandes, 1997, pp. 117, 124).

Por outro lado, se o poderio religioso da cidade tem sido demonstrado por descobertas de uma série de estruturas religiosas — basílicas, mosteiros... — edificadas entre finais do século VI até um momento avançado no século VII (Mateos, 1995), a verdade é que os dados para as relações comerciais com o Mediterrâneo expressam uma dinâmica que suscita reservas em aceitar um fenómeno de simples continuidade.

A arte expressa nos vestígios de edifícios religiosos, tanto na cidade como no espaço rural, tem vindo a ser representada como uma expressão da influência bizantina e oriental em toda a Antiguidade Tardia. A mesma influência é considerada para os fechos de cinturão liriformes. No caso destes, as peças originais teriam chegado incluídas num comércio mediterrânico organizado de produtos norte-africanos e orientais (Ripoll, 1998, p. 130) a partir do século VI.

De facto, na Península Ibérica tem sido identificado um número crescente de contextos que demonstram este comércio tardo-antigo de bens orientais (ânforas, cerâmica fina, mas também comum, e outros bens mais dificilmente rastreáveis arqueologicamente, como tecidos, que talvez se poderiam relacionar com os fechos de cinturão...). Este comércio é evidente ao longo do litoral hispânico, sobretudo na costa sudeste, nos territórios que estarão sob domínio bizantino a partir dos meados do século VI (Corrales, 2017; Reynolds, 2015, pp. 163–210; Jiménez-Camino & Bernal, 2009, pp. 283–312), mas também no litoral noroeste com estes intercâmbios detetáveis até aos inícios do século VII, em território primeiramente sob domínio suevo (Fernández, 2014, pp. 431–456). Paulatinamente, como seria de esperar, estão também a ser identificados vestígios deste comércio nos espaços litorais a ocidente, de domínio visigodo (Fabião, 2009, pp. 25–50; Pinto, Magalhães & Brum, 2012; Quaresma, 2020), talvez com a excepção de Lisboa e da já mencionada Mértola, onde a própria epigrafia parece sublinhar essa relação estreita com o Mundo do Mediterrâneo Oriental, que continuaria a grafar em grego (Dias & Gaspar, 2006), para além da clara presença de importações cerâmicas (Fernandes, 2012) ou na importante colecção musivária (Lopes, 2014, p. 164). Em Mérida, tem sido possível rastrear a presença deste intercâmbio sobretudo a partir das evidências escritas (obras escritas e epigrafia) que apontam para a presença de gentes orientais, comerciantes e membros do clero, maioritariamente na segunda metade do século VI (Reynolds, 2015, p. 209; Moreno, 2008, p. 87). Todavia, os dados cerâmicos desta cidade ainda que apontem para a manutenção de redes comerciais em ligação com o Mediterrâneo para além dos meados do século VI, demonstram um declínio desde o século V (Quaresma, 2013, p. 233). No espaço meridional, este processo de desagregação só será sentido a partir da segunda metade do século VI (Fernandes,

2013, pp. 877–878), inícios do século VII (Reynolds, 2015, pp. 208–209). Contudo, existem evidências que demonstram que a realidade do interior do sul do território actualmente português não bebeu deste dinamismo, sendo a cidade romana de *Ammaia*, pouco a norte do território foco desta abordagem, um claro exemplo desta situação, com o declínio a iniciar-se ainda mais cedo, durante todo o século V (Quaresma, 2013, pp. 227–236), cuja dinâmica parece ser em boa medida acompanhada por *Abelterium* (Quaresma & António, 2017).

Para a área sudeste do Alto Alentejo os estudos sobre a Antiguidade Tardia carecem de contextos escavados sob metodologia moderna e o conhecimento sobre cerâmicas que sustentem as dinâmicas de importação durante esta época é praticamente nulo, especialmente em espaço rural (Almeida & Carvalho, 2005). Todavia, e apesar da escassez de escavações de corte moderno, e das devidas publicações, cremos que este panorama deriva em boa medida da falta de uma análise mais fina dos dados, como aliás fica patente nas diversas necrópoles estudadas (Rolo, 2018), mas igualmente na diversidade e dispersão dos elementos arquitectónicos marmóreos que, ainda que não representem importações, deixam clara a integração do território aqui em causa em redes amplas de difusão de conceitos e saber fazer. Por outro lado, a chegada de alguma cerâmica fina de importação, que a espaços vai sendo dada a conhecer (Carneiro & Sepúlveda, 2005; Almeida & Carvalho, 2005; Quaresma & António, 2017), será certamente reflexo, aqui também, da antiga capital provincial (Bustamante, 2013). Deste modo, ainda que a circulação e importação seja certamente menor que em pleno período Imperial, e que essas transformações possam significar alguma ruptura com os padrões sociais e económicos anteriores, há uma dinâmica que continua a interligar estes territórios, os quais, muito certamente, se parecem reorganizar em torno de novas realidades, distintas das antigas *villae*, que serão em boa medida ocupadas ou reocupadas noutros moldes, cabendo-nos a nós reconhecer as novas modalidade de povoamento que terão dominado este momento.

Desta forma, se, por um lado, é possível considerar que a quantidade e relevância do espólio em estudo e seus paralelos no território se justificam através de fenómenos de circulação consistentes, mais do que esporádicos, por outro, é necessário compreender quais as novas dinâmicas perante tão paradoxal cenário reconhecido para as mesmas cronologias. De acordo com o exposto, a resposta não se pode procurar na evolução da ligação ao comércio mediterrânico, uma vez que são escassos os dados para discutir, a não ser paralelizando com outras regiões próximas que denunciam a quebra progressiva desse contacto directo desde momentos anteriores à chegada dos fechos de cinturão que motivam este trabalho. Ainda assim, as presenças orientais detetadas em Mérida, e talvez também em Silveirona (Wolfram, 2011) ou Mértola (Lopes, 2014) demonstram que existe uma aproximação, ainda que possa estar circunscrita aos espaços de elite, capaz de manter a influência do Mundo Bizantino no meio cultural e artístico do sudoeste da Hispânia, como se tem vindo a evidenciar.

A documentação recente destes fechos de tipo liriforme em modestas ocupações de fundo rural, como aqui se mencionou, parece remeter para uma realidade camponesa mais complexa, rica e diversa do que a suposta por alguns autores a partir do mundo funerário, ao sublinharem a ausência de sinais de grande disparidade social (Carneiro, 2014, p. 271; Carneiro & Rolo, 2019).

A presença de artefactos metálicos de adorno e vestuário, como os fechos de cinturão, expressava a distinção social de alguns indivíduos dentro da mesma comunidade, onde as influências externas já haviam sido absorvidas e adaptadas ao tecido cultural local (Ripoll, 1998, pp. 119, 127–178; Vigil-Escalera, 2015; Lovegrove, 2017, p. 192), mesmo em modestos contextos rurais.

A complexidade e diversidade destes tempos da Alta Idade Média encontra-se ainda largamente desconhecida no interior sul do território actualmente português, mas esperamos que este pequeno contributo possa ajudar a relançar, especialmente para os contextos rurais, um debate que vá além da opulência de alguma arquitectura eclesiástica e da rusticidade do povoamento disperso.

Redondo/Lisboa/Maputo, Fevereiro de 2022

Bibliografia citada

ALMEIDA, Maria José; CARVALHO, António (2005) – *Villa romana da Quinta das Longas* (Elvas, Portugal): a lixeira baixo-imperial. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 299–368.

AREZES, Andreia (2010) – *Elementos de adorno altomedievicos em Portugal (sécs. V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AREZES, Andreia (2014) – *Ocupação “germânica” na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Arqueologia. 2 Vol.

AREZES, Andreia (2018) – Concepções mentais e práticas funerárias dos séculos V a VIII: entre a perpetuação de arquétipos e a abertura a novos influxos. In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana Cristina; BARREIRA, Hugo, eds. - *Genius Loci: lugares e significados | Places and meanings*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Vol. 2, pp. 261–273.

AREZES, Andreia (2019) – O mundo funerário: dos séculos V a VIII em Portugal: perspectivas em torno das possibilidades de rastreamento de católicos e arianos. *Lusitania Sacra*. 40, pp. 241–268.

BARROSO CABRERA, Rafael; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2010) – El mundo funerario en Hispania en el siglo VI. In MORÍN DE PABLOS, Jorge; LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio (2010) – *El tiempo de los “bárbaros”. Pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V–VI D. C.)*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 393–409.

BROGILOLO, Gian Pietro; CHAVARRIA ARNAU, Alexandra (2003) – Chiese e insediamenti tra V e VI secolo: Italia settentrionale, Gallia meridionale e Hispania. In BROGILOLO, Gian Pietro, ed. – *Chiese e insediamenti nelle campagne tra V e VI secolo, 9º Seminario sul tardo antico e l’alto medioevo, Garlate, 26–28 settembre 2002*. Mantova: All’Insegna del Giglio; SAP Società Archeologica, pp. 9–37.

BUGALHÃO, Jacinta (2004) – O abrigo tardo-romano da Vinagreira, Elvas. In *Arqueologia na rede de transporte de gás: 10 anos de investigação*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 97–108.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2013) – *La terra sigillata en Augusta Emerita: estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida [etc.].

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2020) – *Terra marmoris: carta arqueológica de Vila Viçosa*. Lisboa: Edições Vieira da Silva.

CARNEIRO, André (2014) – *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo. – Volume I*. Coimbra: Universidade.

CARNEIRO, André (2015) – Morre-se há muito tempo sobre a terra: topografia funerária e sociedade no Alto Alentejo em época romana. In BRANCO, Gertrudes; ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália; OLIVEIRA, Jorge; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. – *Arqueologia de transição: o mundo funerário: actas do II congresso internacional sobre arqueologia de transição (29 de Abril a 1 de Maio 2013)*. Évora: CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade, pp. 125–139.

CARNEIRO, André (2016) – Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia. In ENCARNÇÃO, José d’; LOPES, Conceição; CARVALHO, Pedro (2016) – *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra: Universidade, pp. 281–307

CARNEIRO, André (2017) – Nos limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo. In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André, eds. – *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. Coimbra: Universidade, pp. 39–64.

CARNEIRO, André (2019) – A exploração romana no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização. In SERRÃO, Vítor; SOARES, Clara; CARNEIRO, André, eds. – *Mármore 2000 anos de História, Vol. I: Da Antiguidade à Idade Moderna*. Lisboa: Theya, pp. 55–120.

CARNEIRO, André; ROLO, Ana Mónica (2019) – Espaços e práticas funerárias nos campos da Lusitânia romana e tardo-antiga. *Onoba*. 7, pp. 161–181.

CARNEIRO, André; SEPÚLVEDA, Eurico (2005) – *Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 435–458.

CISNEROS CUNCHILLOS, Miguel; GISBERT AGUILAR, Josep; SOMOVILLA DE MIGUEL, Ion Ander (2010–2011) – El uso del marmol en la arquitectura de Asturica Augusta. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 21–22, pp. 93–126.

- CORDERO RUIZ, Tomás (2010) – Una nueva propuesta sobre el ager emeritensis durante el Imperio Romano y la Antigüedad Tardía. *Zephyrus*. 65, pp. 149–165.
- CORRALES AGUILAR, Manuel (2017) – *Aportaciones a la Malaca tardorromana y bizantina: excavaciones arqueológicas en la factoría de salazones del Teatro Romano de Málaga (siglos IV–VI d.C.)*. Sevilla: Consejería de Cultura.
- CUNHA, Mélanie (2008) – *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz): do mundo funerário romano à Antigüidade Tardia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- DIAS, Manuela Alves; GASPARGAR, Catarina (2006) – *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Universidade.
- FABIÃO, Carlos (2009) – O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 4, pp. 25–50.
- FERNANDES, Armando de Almeida (1997) – *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERNANDES, Edgar (2012) – *Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FCSH-Universidade Nova de Lisboa.
- FERNANDES, Edgar (2013) – A desagregação do comércio mediterrâneo no Baixo Guadiana tardo-antigo. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 873–881.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV–VII) en el Noroeste peninsular a través del registro cerámico de la ría de Vigo*. Oxford: Archaeopress.
- FUSCO, Arianna; MAÑAS ROMERO, Irene (2006) – *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano; Badajoz: Caja San Fernando.
- GONÇALVES, Victor S. (2008) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- HERAS MORA, Francisco Javier; OLMEDO GRAGERA, Ana Belén (2015) – Identidad y contexto en la necrópolis tardorromana de Mérida. In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS GARCÍA, Santiago, eds. – *Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V–VIII*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 275–290.
- HIERRO GÁRATE, José Ángel (2011) – La utilización sepulcral de las cuevas en Época Visigoda: los casos de Las Penas, La Garma y el Portillo del Arenal (Cantabria). *Munibe (Antropología-Arqueología)*. 62, pp. 351–402.
- JIMÉNEZ-CAMINO ÁLVAREZ, Rafael; BERNAL CASASOLA, Darío (2009) – Novedades de la *Traducta* paleobizantina: la secuencia del siglo VII de la calle doctor Fleming, 6. *Almoraima*. 39, pp. 283–312.
- JORGE, Ana Maria (2002) – *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o seu território na antigüidade tardia (séculos IV–VIII)*. Tesis Doctoral. Universidad de Huelva.
- LOURO, Pe. Henrique S. (1964) – *Terrugem*. Évora: Gráfica Eboreense.
- LOURO, Pe. Henrique S. (1967) – *Ciladas – São Romão* (apontamentos históricos). Évora: Gráfica Eboreense.
- LOVEGROVE, Sofia (2017) – Mudanças nos símbolos materiais de identidade no período visigodo a propósito das fivelas de cinturão liriiformes. In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André, eds. – *Arqueologia da transição: entre o Mundo Romano e a Idade Média*. Coimbra: Universidade, pp. 187–194.
- MALONEY, Stephanie J.; HALE, John R. (1996) – The *Villa* of Torre de Palma (Alto Alentejo, Portugal). *Journal of Roman Archaeology*. 9, pp. 275–294.
- MALONEY, Stephanie J.; HUFFSTOT, Maria da Luz (2002) – Torre de Palma: fact or fiction? *O Arqueólogo Português*. Série IV. 20, pp. 135–146.
- MATALOTO, Rui (2021) – Between the time: algumas reflexões sobre o 1º milénio a.C. no Alentejo Central através de um território e uma coleção. *Arrayollos – Revista de Cultura do Município de Arraiolos*. 3, pp. 155–182.

MATEOS CRUZ, Pedro (1995) – Arqueología de la tardoantigüedad en Mérida: estado de la cuestión. *Cuadernos Emeritenses*. 10, pp. 127–152

MORENO, Bruno (2008) – *De Emerita a Marida: el territorio emeritense entre la Hispania Gothorum y la formación de al-Andalus (ss. VII–X): transformaciones y pervivencias*. Dissertação de Doutoramento em História Medieval apresentada à Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid.

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga (1951) – Antiguidades de Fontalva (Elvas). I. Fivela Visigótica. *Revista de Guimarães*. 61:3–4, pp. 416–421.

PEREIRA, Carlos (2014) – *As necrópoles romanas do Algarve: acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*. Tese de doutoramento em História (Arqueologia) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2012) – Un dépotoir du V^e siècle dans l'officine de salaisons 1 de Tróia, Portugal. Bonn: *Rei Cretariae Romanae Fautores*, pp. 397–406.

QUARESMA, José Carlos (2013) – Cerâmicas finas e territorialidade no Baixo-Império e Antiguidade Tardia: o caso da Ammaia (São Salvador de Aramenha, Marvão). In BERNAL CASASOLA, Darío; JUAN TOVAR, Luis Carlos; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; DÍAZ RODRÍGUEZ, José Juan; SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel, eds. (2013) – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania*. Cádiz: Universidad; Ex Officina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 227–236.

QUARESMA, José Carlos; ANTÓNIO, Jorge (2017) – Importações cerâmicas no interior da Lusitânia durante a Antiguidade Tardia. *Pyrenae*. 48:2, pp. 53–122.

QUARESMA, José Carlos (2020) – Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In DUGGAN, Maria; TURNER, Sam; JACKSON, Mark – *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International symposium. New Castle University, March 26-27th 2014*. Oxford: Archaeopress, pp. 108–134.

RIPOLL LÓPEZ, Gisela (1986) – *La ocupación visigoda en Época Romana a través de sus necrópolis*. Tesis Doctoral inédita. Universidad de Barcelona. <http://www.tdx.cat/handle/10803/2607>

RIPOLL LÓPEZ, Gisela (1998) – *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII d.C.)*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres.

RICOU, Teresa (2020) – Placa de cinturão da Quinta do Estácio 3, Herdade da Magra. *Kairós*. 7, pp. 31–39.

ROLO, Ana Mónica da Silva (2018) – *O mundo funerário romano no Nordeste alentejano (Portugal); o contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras. Policopiado.

REYNOLDS, Paul (2015) – Material culture and the economy in the age of Saint Isidore of Seville (6th and 7th century). *Antiquité Tardive*. 23, pp. 163–210.

SALGUEIRO, Tiago (2017) – *Torre do Cabedal e Pomar d'El Rei: património esquecido de Ciladas – Vila Viçosa*. Óbidos: Várzea da Rainha Impressores.

VIEIRA, Frederico Afonso da Hortinha (2016) – *O mundo rural e o território de Évora durante a Antiguidade Tardia*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora. Policopiado.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2015) – La identidad de la comunidad local y las afiliaciones individuales en necrópolis de la Alta Edad Media (400–900 AD). In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS GARCÍA, Santiago, eds. – *Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V–VIII*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 249–274.

WOLFRAM, Mélanie (2011) – *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia: arqueologia-arquitetura-epigrafia*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Policopiado.

WRENCH, Lúcia Nunes Correia (2008) – *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia*. Tese de doutoramento em História de Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].